

Curso Online de Filosofia

Olavo de Carvalho

Aula 230

7 de dezembro de 2013

[versão provisória]

Para uso exclusivo dos alunos do Curso Online de Filosofia.
O texto desta transcrição não foi revisto ou corrigido pelo autor.
Por favor, não cite nem divulgue este material.

Boa noite a todos. Sejam-bem vindos.

Vocês me desculpem. Estamos aqui fazendo a transmissão do quarto da Leilah, porque estou reformando o meu escritório para caber mais livros. Tive que dismantelar tudo e a casa toda está o caos. Há caixas e livros por todos os lados. O último espaço que sobrou é este lugar inviolável, que é o quarto da Leilah, que está sempre mais ou menos arrumado. Nós vamos continuar com a leitura e comentário daquele texto “O mundo da Rainha de Copas: ciência e anticiência na história da mentalidade revolucionária”.

Na aula anterior, havia mencionado uns estudos que apareceram entre os anos 1980 e 1990 assinalando aquilo que os seus autores chamaram de um conflito entre a ciência e as novas modas das ciências humanas. A ciência entendida como ciências naturais e matemáticas, e, por outro lado, as novas modas das ciências humanas; desconstrucionismo, relativismo, pós-modernismo etc. As quais correntes faziam uma crítica em profundidade da ciência baseado sempre na sua história impugnando a autoridade da ciência, a sua presunção de chegar a um conhecimento objetivo e reduzindo tudo, em última análise, a uma questão ou de pontos de vista — um subjetivismo total —, ou a imposição de modelos ideológicos; — disputa entre vontades de poder. E esses autores, principalmente Gertrud Himmelfarb, Paul Hollander, Alan Bloom e outros, se perguntavam o que seria da nossa civilização se essas correntes viessem a dominar, porque fazia três ou quatro séculos que a civilização do Ocidente se pautava pela razão e pela ciência, que operava com base na própria democracia.

O critério da discussão democrática é de algum, pelo menos longinquamente, baseado no modelo do debate científico, onde a apresentação de razões e de provas deve, em princípio, acabar predominando e onde se conta com um horizonte comum de conhecimentos que são partilhados por todos os debatedores e que servem em última análise de premissas para a decisão das divergências. Há um corpo de fatos que é uniformemente reconhecido e que pode servir de base para reforçar ou para impugnar um argumento. Então, existe a discussão científica, com métodos precisos e critérios de verificação unanimemente aceitos, e esse modelo é mais ou menos copiado pela discussão democrática na sociedade em geral. Esses autores viam que uma ameaça à autoridade das ciências trazia consigo automaticamente uma ameaça a própria sobrevivência da democracia.

O tempo não fez senão confirmar essas previsões. Eu dei como exemplo vários casos de dificuldade que a sociedade democrática mostra para lidar com acontecimentos até óbvios. Há um estado de desorientação baseado sempre num subjetivismo atroz. As pessoas se deixam

muito se levar por impressões de momento ou impressão de autoridade. Onde você não tem mais a autoridade da razão, o que predomina é a autoridade da psique. A força da psique; — é a força impositiva da psique. Isso até poderia abrir outra linha de estudo — que é a do doutor Andrew Lobaczewski — sobre a influência avassaladora que têm os psicopatas na sociedade atual. O psicopata não tem consciência moral ou travas morais de espécie alguma, embora ele as conheça e identifique claramente nas outras pessoas. Ele é capaz de uma violência psicológica que a maior parte das pessoas não consegue sequer imaginar. Por exemplo, forçar uma pessoa por influência psicológica — por uma espécie de força anímica — a acreditar no contrário do que ela está vendo ou sabe. Nesse caso a força da psique predomina sobre a racionalidade.

Claro que eles não mencionavam este aspecto psicopata naquela época. É uma linha de estudos que só aparece com o livro do professor Lobaczewski, o qual, não foi publicado nem nos Estados Unidos, mas no Canadá. Houve uma grande resistência contra esse livro nos Estados Unidos porque há revelações realmente assustadoras sobre a composição da classe política atual. O tempo confirmou os temores que aquela gente estava expondo nos anos 1980 e 1990. Porém, há alguns problemas. Primeiro, nem todas as críticas feitas por esse pessoal desconstrucionista e pós-modernista a autoridade da ciência são descabidas. É claro que muito da ciência social atual foi exposto ao ridículo através daquele experimento do Alan Sokal que escreveu um artigo sem pé nem cabeça e enviou a uma prestigiosa revista de ciências humanas e a revista publicou. Ninguém reparou que tinha algo errado até que ele mesmo se autodesmistificou dizendo que o artigo era um nonsense que ele tinha inventado. E, como tudo estava escrito na linguagem usual dos desconstrucionistas, passou sem que ninguém percebesse.

Existe um lado cômico, caricatural e psicótico nessas escolas, mas nem tudo o que vem delas é assim. Muitas observações delas são inteiramente válidas. O negócio do Thomas Kuhn sobre a estrutura das revoluções científicas, onde ele mostra que a ciência não progride por acumulação e depuração progressiva de fatos, não progride por um processo racional, mas por mudanças súbitas do quadro geral de referência que ele chama de *episteme*. De repente dá um estalo e as pessoas começam a ver as coisas de outra maneira; — o que ele chama de paradigma. O trabalho do Foucault vai mais ou menos na mesma direção. Todas essas observações são pertinentes e merecedoras de atenção. Não é uma leviandade na qual você possa se livrar mediante uma paródia como fez Alan Sokal. Em segundo lugar, nem todas as críticas ao método científico vinham desse lado. Havia críticas anteriores e muito mais fundamentadas como a de Edmund Husserl, já nos anos 1930. De modo que, não se tratava apenas de um confronto entre a razão e a irrazão, entre o racional e o irracional, mas de um questionamento muito sério da racionalidade das próprias ciências. Nesse sentido, a autoridade da ciência estava minada não por ataques exteriores, mas estava minada de algum modo desde dentro, por problemas internos que havia ali. Vou continuar com a leitura. O último parágrafo que li foi:

“Diante desses fatos, uma conclusão impõe-se inexoravelmente: o assalto desconstrucionista e pós-moderno à confiabilidade das ciências não provinha unilateralmente de uma profissão-de-fé irracionalista ou de um puro ativismo ideológico, mas explorava uma contradição, uma ferida aberta no próprio corpo da ciência moderna: sua presunção de personificar a forma mais alta ou única da razão e, ao mesmo tempo, sua incapacidade de prescindir da ajuda de outras modalidades de pensamento racional cuja autoridade ela negava.”

Então, vamos continuar agora. [0:10]

“A consagração do método científico-experimental como ápice e modelo normativo de toda razão não veio do ar, do puro jogo das idéias, e sim de um processo histórico-sociológico bem nítido: a elevação da classe científico-acadêmica ao estatuto de orientadora moral e política da sociedade, em substituição ao clero católico e protestante.”

Husserl tinha colocado as coisas nos seguintes termos, por um lado existe a razão como meta ou ideal teleológico, finalístico, a que toda ciência tende: — que realização perfeita da razão é impossível mas nós devemos tender a ela. Nós temos a idéia da razão como um ideal a ser buscado e é ele que nos orienta na nossa prática científica e nas nossas discussões filosóficas, etc, etc.

Ele então confrontava esse ideal com as ciências historicamente existentes e via que elas estavam muito abaixo do ponto em que deveriam estar. Ele fazia, por exemplo, uma crítica muito séria à substituição dos dados da experiência por modelos matemáticos, o que ocasionava as maiores distorções. Para enfrentar isso, ele propunha o famoso retorno às coisas mesmas. A descrição das coisas da experiência tal e como ela se apresenta. E, desenvolve para isso, um método de grande sutileza e exatidão, que ele vai chamar de fenomenologia. Fenômeno vem do grego aparecer (*phainestai*), ou seja, descrever aquilo que aparece, que se mostra, da maneira como se mostra, sem presumir como fazia em geral a ciência, uma hierarquia da realidade. Por exemplo, se nós acreditamos que só os fenômenos mensuráveis são reais e tudo o mais é um produto da imaginação humana, nós estamos hierarquizando a realidade, aqui tem o mais real e ali o menos real; — mas nós não sabemos se as coisas são assim.

O autor propôs que ao invés de partir desse mundo já estereotipado, já estratificado e montado segundo uma interpretação prévia, nós temos de ir direto a experiência e descrevê-la tal como ela se apresenta. Claro que, até hoje, a prática diária das ciências não absorveu esse ensinamento de Husserl, embora a coisa tenha feito sucesso, havendo discípulos em todos os lugares; — ainda existe um hiato entre a ciência que se pratica no dia a dia e as exigências da fenomenologia. Por causa disso temos de rastrear a história e ver quando foi que a ciência moderna exclui a razão universal, a razão ideal de Husserl, e se impõe ela própria como único modelo ou como ideal teleológico, de modo que o máximo de perfeição que podemos alcançar seria copiar o modelo do método experimental científico, como propunha Augusto Comte. Então, vamos lá:

“Até o começo do século XVIII, os maiores cientistas acreditavam que seus trabalhos nada mais faziam do que ilustrar o *modus operandi* da Razão divina que governava todas as coisas. Embora entrando às vezes em choque com a autoridade eclesiástica ou divergindo das doutrinas teológicas consagradas, Kepler e Tycho de Brahe, Galileu e Descartes, Newton e Leibniz tinham a revelação bíblica como autoridade última e nunca pretenderam que a ciência que estavam criando poderia substituí-la ou desbancá-la.”

Ao contrário, eles tinham a idéia de ilustrar ou esclarecer a operação da razão divina no mundo. Quando Galileu disse, por exemplo, que Deus escreve o livro da natureza em caracteres matemáticos, ele está interpretando a bíblia no fim das contas. E todos eles acreditavam que estavam fazendo isso. Todos eram cristãos, cada um ao seu modo, mas tendo em última análise a revelação cristã como o marco de referência geral.

“O mais herético deles, Isaac Newton, dedicou mais tempo a trabalhos de exegese bíblica e especulações esotéricas do que a qualquer atividade que hoje consideraríamos “científica”; e a parte da sua obra que o consagrou como ídolo da modernidade — a lei da gravitação universal

exposta nos *Princípios Matemáticos da Filosofia Natural* — era para ele apenas um fragmento de uma nova cosmovisão essencialmente teológica que ele considerava o objetivo supremo da sua vida.”

É curioso como isso foi ocultado durante três séculos e só veio à luz por uma coincidência. Um dia o economista John Maynard Keynes, que era um colecionador de manuscritos, foi num leilão e tinha uma pilha de manuscritos de Isaac Newton. Ele comprou e leu tudo. Ficou muito assustado porque esse Newton aqui ninguém conhece. Noventa por cento da produção escrita de Newton era de assuntos teológicos e esotéricos. Você via que ele entendia a lei da gravitação universal como apenas um passo da demonstração de uma nova concepção teológica, baseada no seu entendimento da Bíblia, pretendia impor em substituição ao cristianismo trinitário. Ele queria transformar o cristianismo numa religião da unidade absoluta de tipo islâmico. Este é o grande projeto da vida dele e tudo o que ele fez, inclusive a lei da gravitação, era apenas um passo para chegar nessa demonstração que evidentemente falhou.

A partir dessa descoberta do Keynes, toda a visão que se tinha de Newton mudou. Quer dizer, mudou no mundo civilizado, porque no Brasil, ninguém sabe disso. Quando eu falei dessas coisas uns anos atrás, eu recebi centenas de reações indignadas de professores de física, astronomia, matemática que protestavam contra aquele absurdo que eu estava dizendo do Newton. Esse absurdo já era conhecido a pelo menos sessenta ou setenta anos, existe uma bibliografia imensa sobre isso. De modo que você vê que esse pessoal estuda aqueles manuais universitários daquela ciência e não tem cultura histórica, não procura conhecer nem a história da própria ciência e não tem idéia dos debates que se travam a respeito. É um negócio arrasador. O que me impressionava nessas coisas era o tom de indignação e superioridade que eles falavam, com que a total ignorância se pronunciava a respeito do conhecimento. Parecia que eu tinha inventado todas aquelas coisas e que estava falando mal de Newton. Eu estava atacando um ídolo da universidade provinciana e a discussão ficou neste nível, como se fosse uma discussão pró ou contra Newton. O que é totalmente absurda e pueril. Esse outro aspecto da obra de Newton é hoje uma coisa totalmente conhecida e admitida. Não há mais discussão a respeito entre os historiadores. Voltemos ao texto:

“Malgrado o sucesso crescente das descobertas científicas e o prestígio dos grandes cientistas, não havia ainda nenhuma “ideologia científica” disposta a concorrer com o cristianismo no guiamento moral dos povos.”

É uma idéia que não tinha ocorrido a ninguém. Disseram que a revelação acabou e agora temos o modelo de razão universal que é a ciência experimental e todas as questões, inclusive morais, psicológicas e de conduta pessoal, devem ser todas submetidas à autoridade da classe científica. Ninguém tinha pensado uma coisa dessa.

“Essa ideologia forma-se justamente na segunda metade do “Século das Luzes”, por obra de uma nova classe de “intelectuais públicos”, polemistas e panfletários, alguns deles escritores notáveis, sem dúvida, mas nenhum assinalado por grandes descobertas no campo da filosofia ou das ciências.”

Isso é uma coisa extraordinária que acontece no século XVIII quando começa a se formar essa ideologia científica, essa idealização da classe científica por obra de homens que, ou não eram cientistas pessoalmente de maneira alguma ou que eram cientistas de quinta categoria, que

não tinham descoberto nada de novo. Se você vai comparar a estatura intelectual desses que eu citei Leibniz, Newton, Kepler, Copérnico com esses camaradas aqui, a distância é abissal.

“Homens como Voltaire, Diderot, d’Alembert, Marmontel, Montesquieu e a multidão inumerável dos seus imitadores aproveitaram-se do prestígio crescente da ciência para usá-la como trincheira desde a qual desfechavam os mais ferozes ataques à religião.”

[0:20] A virulência desses ataques ainda é impressionante em pleno século XXI. A brutalidade do que eles inventavam contra a religião naquela época, ainda nos impressiona hoje. Eu até resumi brevemente o caso do livro *A Religiosa* de Denis Diderot em que ele contava a história de uma moça que estava sendo mantida num claustro contra a sua vontade. Esse livro fez um imenso sucesso na época e continua fazendo ao longo dos tempos. Nos anos 1950 foi feito um filme na França que ganhou inúmeros prêmios. Quando na realidade essa história é totalmente impossível. Mesmo porque a personagem que ele citava como um caso verdadeiro, pois tinha documentação como cartas dela etc. A história de cuja moça Diderot tinha se baseado era a porteira do convento. Só ela tinha a chave do convento — ela podia entrar e sair toda hora que quisesse. Ela nunca quis sair do convento. Ela só saiu uma vez para ir até o interior por causa de um tio que tinha morrido e que haveria uma herança; — chegando lá não tinha herança nenhuma. Ela voltou para o convento e ficou por lá. Por ironia, morreu como mártir da Revolução Francesa quando os revolucionários invadiram os conventos e mataram um bocado de freiras. É um episódio até cantado pelo Georges Bernanos na peça — e depois ópera — *O diálogo das carmelitas*. É uma coisa que vale a pena ver. Existe uma gravação belíssima com Jesse Norman fazendo a madre superiora e outros cantores extraordinários. A história é completamente furada e pior: na correspondência do Diderot se descobriu que ele estava totalmente consciente da falsificação. Ele inventava aquela história dando risada, gozando da cara dos outros. Esse é só um dos milhares de episódios de difamação anti-religiosa que apareceram na época. Quem quiser saber mais leia o livro do Paul Hazard, *O pensamento europeu no século XVIII*: — tem uns três capítulos sobre isso.

Nessa época, em vez dos camaradas simplesmente falar, eles inventaram alguns recursos de propaganda política que foi a rede de debate em todas as cidades. Os debates não eram debates, só havia propaganda. Era debate entre pessoas que já estavam perfeitamente concordes. É como o debate do PT com o PC do B. Isso se espalhou por toda a parte e depois inventaram de lançar uma enciclopédia enorme que também fez sucesso incrível; com isso penetraram em todos os ambientes aristocráticos e conquistaram uma audiência cativa, principalmente entre as mulheres. É curioso que o primeiro público ao qual se dirige a pregação revolucionária é a aristocracia. A aristocracia vai participar ativamente da Revolução. Essa história de que foi uma revolução da burguesia contra a aristocracia é inteiramente absurda porque se você procurar entre os intelectuais quanto entre os líderes revolucionários, você não encontra um único capitalista. O único capitalista que havia ali era o Necker, que era um sujeito que serviu a todos os regimes. Era um técnico. Mas havia um monte de aristocratas, padres e, sobretudo, aquela massa de desocupados, o que eu chamei de burocracia virtual.

O processo foi o seguinte: no tempo do Luís XIV, ele ampliou tremendamente o tamanho do Estado francês, criou uma vasta burocracia para administrar o país e botar ordem naquele negócio. Ele procurava na medida do possível colocar ali funcionários profissionais. Para esses profissionais ele tinha de dar uma formação técnica, então ele amplia as instituições de ensino para poder comportar mais gente para formar a burocracia estatal. Isso aí desperta ambições no país inteiro porque a burocracia se torna naturalmente uma via de ascensão social. Para

cada sujeito que conseguia um emprego na burocracia, outros cem que não conseguiam. Tinham recebido a mesma instrução e depois entravam num concurso; — se não for aprovado você volta para casa. É justamente esses burocratas frustrados, a burocracia virtual, que constitui o grosso dos intelectuais e dos polemistas que ocupavam esses clubes de debates. A burguesia propriamente dita, no sentido dos proprietários dos meios de produção, simplesmente não participa da revolução. Mais ainda, a fronteira entre a aristocracia e burguesia capitalista é notavelmente vaga. Isso se vê porque, desde a Idade Média, os primeiros capitalistas que aparecem eram todos aristocratas. O sujeito era proprietário de terra, mas ele vê que está havendo um acúmulo de gente e uma intensificação do comércio em certos lugares, então lança a empresa de construção civil. Os primeiros capitalistas europeus eram todos aristocratas. Quando você vê hoje as grandes empresas na França, os acionistas todos são cheios de condes, barões, marqueses; — e até o herdeiro do trono real da França está lá também. Por isso mesmo não é de se estranhar que o primeiro público da pregação revolucionária fosse à aristocracia, como hoje o público preferencial da pregação revolucionária é a burguesia; — desde a classe média até a alta. O povão — o proletariado — fica sabendo de coisa nenhuma. E quando fica sabendo não liga.

“espalhando por toda parte o hábito de buscar guiamiento moral antes nas opiniões da moda do que na velha religião. Embora nenhum deles fosse propriamente um cientista e seus argumentos anti-religiosos se baseassem amplamente em objeções pueris e na fabricação de lendas difamatórias, todos falavam em nome da “ciência”, da ‘razão’ e das ‘Luzes’”.

A autoridade da razão, que se identificava com a razão divina e seu pálido reflexo na ciência humana agora vai passando diretamente para as ciências modernas. Não se trata de transferir de uma idéia para a outra, mas de um grupo social para outro. Antes você um clero tinha que representava a autoridade divina e você tinha vários círculos de intelectuais que constituíam de certo modo o clero. Não se pode esquecer que durante toda a Idade Média, a palavra clérigo — *clerc* em francês, se aplicava a qualquer pessoa que soubesse ler. Se você aprendeu a ler, você já é virtualmente um membro do clero embora não tenha sido ordenado padre. Para cada dez padres você tinha pelo menos trinta leigos que constituíam parte do clero. Os cientistas como classe social começa a se formar evidentemente só a partir da chamada renascença, que é quando — eu já mencionei esse episódio — na disputa pelo poder sobre as universidades há uma divisão: a Igreja fica de um lado e os reis — governantes civis — do outro. A Igreja vence e conserva o poder sobre as universidades. Os reis começam então a criar uma intelectualidade palaciana fora da universidade e quase todos os cientistas que aparecem na época, como Newton, Leibniz etc., pertenciam a essa intelectualidade palaciana. Não eram professores universitários. Essa classe começa a se formar de maneira incipiente no Renascimento e vai crescendo. Quando chega no século XVIII, ela já tem uma identidade própria e curiosamente quem falava em nome dela não eram os cientistas, eram aqueles polemistas e jornalistas. A função do jornalismo moderno começa a se definir mais ou menos aí. Pode-se dizer que Voltaire foi o maior jornalista do século XVIII. [0:30]

“Então, criando pouco a pouco a imagem de uma comunidade de gênios iluminados (que, como detentores do saber, deveriam ser também os portadores exclusivos da autoridade moral e guias da humanidade em direção aos seus mais altos destinos), a revolução francesa se dedicou, entusiasticamente, a colocar em prática estas idéias fazendo tudo que estava ao seu alcance, para banir a religião da esfera pública e substituí-la pela opinião científica; sobretudo os biólogos e médicos encarregados de “regenerar” a espécie humana.”

Então, é aí que data o hábito moderno de transferir questões da esfera moral para a esfera médica e psiquiátrica. A idéia de que determinadas condutas não são desvios morais, mas são doenças; — aparece aí. Ou seja, quando hoje, você vê esse pessoal gayzista, por exemplo, revoltado contra a idéia de que o homossexualismo é uma doença — fizeram até um quebra-quebra para forçar a retirada do homossexualismo da lista de doenças mentais. Isto aí não é a revolução reagindo contra o conservadorismo estabelecido, contra o reacionarismo etc., mas é a revolução lutando contra a própria revolução. Porque a transformação dessas coisas em doenças, em vez de pecados, foi obra da revolução e na etapa seguinte a revolução, como sempre, se come a si mesma; se alimenta do seu próprio cadáver.

Então, uma coisa que você, por exemplo, é entrar nessa discussão...; — têm alguns conservadores que insistem que o homossexualismo é doença. Porém, quem disse isso foram eles mesmos; — nós não temos nada haver com isso. Isso é uma discussão de Lênin com Robespierre, de Trotski com Lênin; — é problema deles. E você tomar partido de um deles aí, mostra que a sua visão da história está um pouco falha.

Uma das idéias que apareceu nessa época, um dos projetos — que inclusive foi posto em ação —, foi transformar o clero em funcionário do governo. Isso foi a chamada constituição civil do clero na França: onde todos os bens da Igreja foram tomados e o governo pagava um salário aos padres, desde que eles jurassem fidelidade ao governo revolucionário. Uma parte aceitou, outra parte não aceitou e esses, que não aceitaram, foram assassinados ou banidos. Mas é claro que, quando caiu o esquema revolucionário, os padres todos voltaram e substancialmente a França não se tornou mais ateuística por causa disso — ao contrário —, você vê que, ao longo de toda a revolução francesa, o único movimento popular que houve foi à revolta contra o governo revolucionário; a famosa guerra da Vendéia, que morreu gente que não acabava mais; — que eram todos cristãos defendendo o antigo regime.

“Longe do matadouro revolucionário, porém, preparava-se um golpe incomparavelmente mais sério e mais mortífero, a ser desferido contra toda oposição à autoridade da ciência. Na pacífica cidadezinha alemã de Königsberg, um discreto filósofo de ascendência irlandesa, Immanuel Kant (1724-1804), buscava demonstrar, com argumentos de uma complexidade atemorizante e de uma sutileza incomparável, que era impossível conhecer o que quer que estivesse para além dos limites metodológicos auto-impostos pela ciência experimental moderna.”

Ou seja, somente aquilo que era observável e mensurável. Só que o observável aí é um pouco estranho. Quando eles dizem: “uma ciência de observação e medição”: isso de fato é mentira, porque a observação entra aí muito menos do que você imagina. Ciência de medição, sim, mas muitos dos objetos mensuráveis são puramente imaginários; são modelos matemáticos e não realidade. O exemplo mais característico é o famoso espaço absoluto e tempo absoluto de Newton que, obviamente, não pode ser observado de maneira alguma. O que é o espaço absoluto? É o espaço sem coisas dentro; — concebido como o espaço em si fazendo-se abstração das coisas. E quem já viu isso alguma vez? Ninguém viu; — o Newton não viu, eu não vi e você também não viu. E o tempo absoluto é o puro transcurso, a pura duração sem acontecimentos. Mas, se não acontece nada então, evidentemente, não há nem o senso do tempo. Então, espaço absoluto e tempo absoluto foram conceitos metafísicos, que Newton usou como medidas de comparação; — não são fatos da observação. E a ciência está repleta desses modelos que não correspondem realmente a nada na realidade, mas que são usados como instrumentos de comparação.

“De um só lance operava-se uma dupla reviravolta na concepção do mundo. De um lado todas as questões milenares, da teologia e da metafísica — a existência de Deus, a imortalidade da alma, o bem e o mal —, eram expulsas da esfera do conhecimento sério e confinadas no recinto das crenças irracionais e das preferências subjetivas. De outro lado não havia mais nenhuma realidade externa, pela qual a ciência devesse regular os seus métodos. Ao contrário, o método determinava a realidade.”

Isso foi a famosa revolução copernicana; — que Kant disse ter feito. Ele dizia que o cientista não se coloca perante a natureza como um observador, mas como um juiz, um investigador policial, que aperta a testemunha, formula as perguntas e obriga a testemunha, isto é, a natureza, responder. Só que, se é assim, as respostas dependem das perguntas e as perguntas são formuladas antes das respostas: portanto, é o método dos cientistas que determinam o perfil da realidade e não a realidade que determina o perfil do método. E quem criava o método? A ciência de Galileu e Newton; a ciência de experimentação e medição.

“A ciência, portanto, criava a realidade e tudo o que estivesse fora dela, era sonho desejo ou — na melhor das hipóteses — pensamento.”

Kant dizia: “De fato todo o conhecimento humano é uma projeção, num mundo exterior, das estruturas do nosso entendimento e da nossa percepção.” Quer dizer, nós percebemos as coisas com uma certa escala, nós temos tais e quais categorias de pensamento e tudo que esteja fora disso é incognoscível para nós. Portanto tudo o que nós conhecemos já está predeterminado na nossa mente; — pelo menos estruturalmente. Ele dizia, o que provava a veracidade das ciências era apenas a concordância universal, porque todos os homens percebiam do mesmo jeito e tinham as mesmas categorias de pensamento. Isto quer dizer que a ciência era verdadeira para a humanidade e na escala da humanidade; — o que não quer dizer que fosse verdadeiro em si. Mas esse em si, absolutamente não interessa, porque não chega ao nosso conhecimento.

“Durante muito tempo, os argumentos de Kant foram considerados praticamente irrespondíveis e não houve domínio do conhecimento — da física à história da arte, da pedagogia à sociologia, da psicologia à filosofia da matemática — onde não deixasse a sua marca. Porém, ninguém tirou deles consequências práticas mais abrangentes e devastadoras do que o filósofo francês Auguste Comte (1798 a 1857), cujas idéias — sobre o nome geral de positivismo — se propagaram rapidamente pelo mundo, até alcançar o longínquo Brasil — onde inspiraram uma revolução republicana e várias ditaduras.

“Comte não era homem de meias-medidas: do primado kantiano da ciência experimental ele extraiu a conclusão de que todas as modalidades de conhecimento deveriam ser banidas, não só das altas esferas intelectuais, mas da vida pública em geral. Os conselhos da religião, a sabedoria prática dos políticos, as intuições dos artistas, o confronto de opiniões dos debates políticos: tudo isto deveria ceder lugar a uma autoridade absoluta de uma casta de tecnocratas adestrados no método científico — aptos a resolver todas as questões com exatidão matemática.”

Ele achava que a liberdade de opinião era uma coisa extremamente desnecessária. Ele dizia: “Não existe liberdade de opinião em astronomia; você faz as contas, chega em uma conclusão e pronto; Ninguém tem o direito de ter outra opinião.”

“A esta proposta ele chama política positiva: destinada a eliminar para sempre todas as discussões inúteis a que a humanidade se entregar, em fases mais primitivas do seu desenvolvimento.”

Como muitos outros filósofos da história, Comte se coloca a si próprio no topo mais alto da evolução. Então a humanidade passou por uma fase [0:40] teológica, onde acreditava em Deus, depois por uma fase metafísica, onde acreditava em absolutos metafísicos — como no tempo de Descartes ou Leibniz — e finalmente chegava à era positiva, onde só se acreditava na ciência experimental, da qual ele era o principal representante.

“A auto-afirmação da ciência acadêmica como fonte de toda a legitimidade, seja na política ou em todas as questões públicas, já não é o ideal revolucionário, mas uma realidade estabelecida.”

É preciso levar em conta, também, o tremendo crescimento das universidades no século XIX, abrindo então, para a tal burocracia virtual, perspectivas inéditas, porque, pessoas que em outras eras, não teriam outra perspectiva se não o trabalho braçal ou a mendicância, de repente se tornavam intelectuais e professores. E de uma maneira muito rápida; o sujeito passava cinco anos em uma universidade e era um professor. Se você contrastar isto com os vinte anos de estudo de Aristóteles, ele entra na academia com dezoito anos e sai com trinta e oito e daí começa a ensinar — embora dentro da academia fosse autorizado a dar algumas aulas menores — ou com o processo normal da carreira universitária na idade média, onde com menos de quinze ou vinte anos de estudo ninguém conseguia nada. E, de repente, com cinco anos de estudo, você é doutor em alguma coisa.

“Marcada pela fé na onipotência do método científico, a segunda metade do século XIX tornou-se, por excelência, a era do cientificismo. O materialismo de John Stuart Mill e Herbert Spencer, o evolucionismo de Darwin, Haeckel e Berkner e até o marxismo, que devia tornar-se o irmão inimigo do positivismo, alegam se, orgulhosamente, encarnações do método científico triunfante.

Como Comte morreu louco, muitos absorveram sua influência sem reconhecer o débito em público. Hoje em dia é quase impossível encontrar comtianos professores...”

No Brasil existe um, que é o Arthur Lacerda, no Paraná. É um tipo que você tem de colocar em um museu — só existe lá. É quase impossível encontrar comtianos professores

...mas, sem nome, as ambições do positivismo continuam a orientar os esforços de uma parte considerável da classe acadêmica.

Existe o livro do Leszek Kolakowski, *Filosofia Positivista*, que dá um apanhado de tudo isso aí, e você acaba vendo que o positivismo é uma das correntes de pensamento do século XX, uma das mais importantes, mais fortes; — sem esse nome. E mesmo quando surge com Bertrand Russell, a filosofia neopositivista, em seguida, eles recusam este nome. Eles não querem ter nada haver; — é a paternidade renegada. A história comprometedora da família eles querem apagar. Mas no fundo, as mesmas exigências do Comte são repetidas até hoje.

Claro que essa escola analítica do Bertrand Russel, depois, passa por inúmeras transformações; — hoje você tem até teólogos analíticos, mas no fundo o critério continua o mesmo. Com a diferença de que a escola analítica, ao lado do prestígio da ciência experimental, coloca o prestígio da nova lógica, que surge com Frege, Peano e outros que,

usando um processo de notações muito elaborado, conseguem estruturar a lógica como se fosse uma espécie de matemática. Você chega de fato à identificação da lógica com a aritmética elementar; — aumentando muito a precisão de detalhes das demonstrações.

Impressionados com esse acréscimo de precisão, alguns filósofos — dentre os quais Bertrand Russell — acharam que podiam reduzir todos os problemas da filosofia a problemas de lógica, e que tudo que não pudesse ser equacionado em termos lógicos perfeitamente definidos, eram apenas uma confusão mental ou um erro de linguagem no fim das contas. Então reduziam a filosofia a filosofia da linguagem, e a filosofia da linguagem, em última análise, à análise lógica. Tudo isto — embora Comte não conhecesse nada da lógica de Frege e outros — ele morreu antes — ainda estava dentro do espírito comtiano. Quer dizer, ou a coisa é conhecimento científico ou não é nada. Ou seja, ainda estamos dentro do programa do Comte.

Destinada a imperar soberanamente sobre todo o meio universitário anglo-saxônico e parte do alemão, a “escola analítica” de Bertrand Russell e Rudolf Carnap rejeitava o rótulo de “positivista”, ao mesmo tempo que radicalizava certas propostas de Comte ao ponto de excluir como “pseudoproblemas” todas as questões filosóficas que não pudessem ser reduzidas à mera análise lógica da linguagem, empreendida com a ajuda dos novos métodos de notação criados por Gottlieb Frege. Nessa perspectiva, só as “sentenças atomísticas” da ciência experimental — para usar o termo de Wittgenstein — faziam sentido e eram dignas de exame. Tudo o mais — especialmente a metafísica e a religião — era expelido para as trevas exteriores. Sobre questões como a natureza do ser, a finalidade da existência, a imortalidade da alma etc., baixou, como disse Eric Voegelin, a mais estrita “proibição de perguntar”.

É curioso que a mesma proibição de perguntar aparece, como nota o próprio Voegelin, também no marxismo. Para o marxismo tudo aquilo que não possa ser reduzida de algum modo à luta de classes, são pseudo-perguntas ou camuflagens ideológicas tecidas encima de interesses de classes.

“Jean Brun denominou “regionalização da razão” o processo pelo qual o horizonte legítimo das cogitações filosóficas — e dos debates públicos em geral — foi se estreitando até expelir de si tudo o que não coubesse nas categorias e critérios da ciência experimental. Concomitantemente a esse processo, a autoridade da classe científica sobre o conjunto da sociedade foi sendo ampliada ilimitadamente, ao ponto de já não haver domínio da vida pública ou privada em que as leis e os controles repressivos em geral não estejam baseados em argumentos real ou presumidamente científicos. O recorte kantiano da realidade encontra-se assim oficializado, ao mesmo tempo que a “tecnocracia” de Comte deixou de ser uma proposta ideal para tornar-se o mundo no qual vivemos.”

Se você reparasse o conjunto imenso de descobertas — não só das ciências naturais, da tecnologia, como das ciências sociais — que foi incorporada na administração estatal e que torna o Estado um monstro tão imenso, que até o perfil dele é incompreensivo pelo cidadão comum. É uma máquina tão grande, tão gigantesca e tão complexa, operando em tantos setores da realidade ao mesmo tempo, que a coisa se torna absolutamente incontrolável desde fora e até mesmo desde dentro. Os próprios funcionários do Estado não compreendem a sua estrutura inteira e, de vez em quando, são pegos esmagados nas engrenagens da própria máquina — como, aliás, [0:50] havia proposto Maquiavel.

Maquiavel no Estado ideal que ele desenha, que é o da terceira Roma, os funcionários do Estado têm o controle da sociedade total, mas não têm o controle do próprio destino porque eles estão continuamente — veja você — se espionando uns aos outros. A gente tem a

impressão de que esse pessoal da NSA, que está grampeando todo mundo, leu o negócio da terceira Roma e decidiu fazer igualzinho. Quer dizer: “Nós espionamos todo mundo e nos espionamos uns aos outros.” De modo que o Estado se torne uma máquina anônima, que aterroriza os seus próprios agentes, mantendo todo mundo sob uma espécie de escravidão mental. Quando você vê, por exemplo, os progressos da engenharia social — os métodos que o Estado moderno tem de mudar a conduta de uma nação inteira em pouquíssimo tempo — criando, por exemplo, preconceitos, temores, expectativas que de uma geração para outras são incorporadas como se fosse a coisa mais natural do mundo.

Às vezes é preciso você ter vivido um certo tempo para perceber esta mudança. Por exemplo, a mudança que tornou o fumo um hábito obsceno e o homossexualismo uma coisa não só aceitável, como protegida pelo Estado e digna de todo o respeito. É uma mudança extraordinária. E, quando a gente vê, como isso foi feito? Não foi um processo natural absolutamente, foi uma obra de engenharia social. E como funcionou rapidamente, como as pessoas acreditam nisso e como elas têm impressão de que este é o seu sentimento espontâneo. Quer dizer, a engenharia social só funciona quando ninguém percebe que é uma engenharia social; — quando todo mundo acha que aquilo é uma transformação espontânea, que vem do mais fundo do coração de cada um.

Tudo isto é o efeito das ciências naturais, da tecnologia e das ciências humanas. Quem é o grande financiador das entidades de pesquisa? O próprio Estado. O Estado cria a ciência que o reforça, e este processo não tem mais fim. Aqueles que acreditavam, nos séculos XVIII, XIX, que a ciência seria a portadora da liberdade, estavam redondamente enganados. A ciência é um instrumento de controle e opressão como nunca existiu na face da terra.

Hoje em dia nós estamos falando aqui, mas é possível um camarada do FBI estar ouvindo toda a nossa conversa sem a menor dificuldade. E quando você vê, por exemplo, a capacidade de armazenamento de dados que existe; os camaradas podem gravar todos os telefonemas dados no país simultaneamente; — é uma coisa assombrosa. A ciência e a tecnologia entregam nas mãos do governante os instrumentos de controle, que são absolutamente aterrorizantes; — isto é o mundo que a ciência e tecnologia criaram. Então, já é o mundo do Kant, onde a ciência determina, pelos seus métodos, pelos seus critérios, os limites da realidade, os limites do permitido e do proibido, os limites do decente e do indecente e assim por diante. E, quando dá na cabeça, muda isto do dia para noite e todo mundo aceita.

Estamos vivendo na ponta, no auge, daquele processo descrito pelo Bertrand de Jouvenel, no livro *O Poder: História Natural do Seu Crescimento*, onde ele diz: “No mundo moderno, haja o que houver, o poder estatal sempre aumenta, pouco importa se é no capitalismo no socialismo.” Há uma diferença de método. Por exemplo, as democracias capitalistas não recorrem à matança em massa — não criam esses continentes carcerários como Gulag, Laogai —, mas, usam métodos de controle também, aliás, até muito mais aprimorados do que os dos países socialistas. Se você comparar, por exemplo, os métodos de Stalin com o que nos temos hoje; — Stalin parece um amador.

Você veja que o episódio acontecido aqui nos EUA — de o Estado conseguir impor um farsante — um sujeito com documentos falsos — proibir todo mundo de falar a respeito e criar nas pessoas uma reação espontânea de rejeição ao assunto — reação que parece espontânea — é um negócio absolutamente assombroso. Ou seja, esta máquina administrativa está fazendo da

humanidade um bando de crianças retardadas mentais. Claro que ninguém é obrigado a entrar nisto, mas, para escapar disto você precisa vencer a ilusão do terror do isolamento.

As pessoas acham que se elas começarem a enxergar certas coisas, ninguém mais vai gostar delas e elas vão ficar sozinhas. E, claro, o espírito de rebanho e a necessidade de buscar apoio na comunidade são incentivados pelo próprio Estado. Então, de certo modo, somente as pessoas capazes de furarem esta ilusão do isolamento e, de certo modo, criar a sua própria comunidade, somente estas conseguem furar a barreira da invisibilidade obrigatória. É curioso que a gente vê o temor que estas pessoas têm — elas sentem aquilo como real. Porque elas dizem: “se eu começar a falar de certas coisas, o que vai me acontecer?” Não vai acontecer absolutamente nada. Algumas pessoas vão ficar um pouquinho irritadas com você — mas depois passa. Isso é tudo o que acontece. Mas, as pessoas têm um temor verdadeiro.

“Se definimos ‘revolução’ como um empreendimento de remodelagem total da sociedade a ser realizado mediante a concentração do poder, é impossível não perceber que a ascensão da classe científica à sua atual posição de domínio, originando-se das ambições iluministas, da Revolução Francesa e do positivismo, foi uma etapa crucial do processo revolucionário ocidental.

Também é claro que a realização histórica dessa etapa se fez à custa de limitações graves impostas ao exercício da razão.”

Se não fosse a proibição de perguntar, nada disso poderia ter sido levantado. Porque se você simplesmente defender uma idéia... Sempre que você defende uma idéia, você suscita, naturalmente, oposição; a mente humana funciona por oposições, ela é naturalmente dialética; basta alguém dizer sim para que alguém diga não. Então, o único modo de controlar é você não falar de certas coisas e tornar aquelas questões, de certo modo, proibitivas; — você cria um tabu. O tabu funciona muito mais do que a propaganda positiva e aberta de uma idéia.

“Se, para simplificar, denominamos “positivismo” a concepção do mundo subjacente a esse processo, não há como escapar à conclusão de que o império da “ciência”, cuja ruína iminente tanto assustava os críticos conservadores do “politicamente correto” nos anos 80-90, não era de maneira alguma a encarnação da razão no seu sentido universal e clássico, mas ele próprio um capítulo da história do longo assalto revolucionário à razão universal, o capítulo positivista.”

Então o que você estava vendo nos anos 80 e 90 era uma briga entre duas gerações de revolucionários. Uma que representava a etapa positivista e outra que representava outra etapa que nasceu da evolução interna do marxismo. O marxismo começa como teoria da revolução proletária, mas vai sofrendo modificações ao longo do tempo. Depois ele se transforma na revolução dos intelectuais e, depois, a partir, sobretudo, do Herbert Marcuse se transforma na revolução de todos os descontentes com qualquer coisa; — negros, índios, mulheres, gays, etc. etc. Esta é a classe revolucionária hoje.

O marxismo — cuja evolução nós não estamos abordando aqui, mas podemos abordar num outro dia — havia chegado àquela etapa da desconstrução total. Também se impregnou de psicanálises e nietzscheanismo e virou, como propunha o Georg Lukács, a revolta não contra o capitalismo apenas, mas contra toda a civilização ocidental, contra toda civilização judaico-cristã e estava empenhado, como dizia o pessoal da escola de Frankfurt, no trabalho do negativo: “nós temos é que destruir tudo não interessa o que vem depois; o positivo nasce sozinho, o negativo nós temos de fazer.” Então, não se tratava um confronto propriamente

entre conservadores e revolucionários, [1:00] mas de um conflito entre duas gerações de revolucionários. Embora a mais velha, representada pelo positivismo, conscientemente absorvesse e representasse também valores cristãos tradicionais, mas já infectados daquele respeito sacrossanto à ciência moderna e da identificação da ciência com a razão universal.

“Daí a impotência desses críticos em oferecer qualquer resistência eficaz à nova etapa desse assalto, que eles viam como uma investida irracionalista da “ideologia” contra a “ciência”, quando ela era, na verdade, a continuação lógica de um processo revolucionário do qual eles próprios, como porta-vozes da ciência, representavam apenas a etapa anterior.

Se perguntarmos como isso veio a acontecer, não podemos encontrar resposta se não no fato de que o iluminismo e a Revolução Francesa não geraram uma tradição revolucionária, mas duas: o positivismo de um lado, o marxismo de outro.

Embora ambos se alardeassem porta-vozes da “razão” e da “ciência”, o marxismo dava às exigências do conhecimento científico uma interpretação radicalmente diversa daquela do positivismo.”

O positivismo era baseado eminentemente nas ciências naturais, e depois — na sua fase mais posterior e já sem o nome de positivismo — na lógica matemática. O marxismo se baseava eminentemente nas ciências humanas como história e economia; — nas ciências humanas. Portanto, não é estranho que na década de 80 e 90, o conflito tomasse a forma de uma luta entre a herança das ciências naturais e as ciências humanas. O conflito entre ciências naturais e ciências humanas, vai refletir então dois aspectos ou dois grupos de revolucionários: um herdeiro do positivismo, outro do marxismo.

“Enquanto esta [a interpretação positivista] enfatizava a observação, a experimentação e a mensuração exatas como garantias de uma certeza objetivamente comprovável, para Marx só havia no mundo um único fato objetivo: a luta de classes.”

Ou seja, a realidade para Marx, consistia eminentemente numa luta pela apropriação da natureza, ou seja; — o homem tem de se apropriar da natureza para ter meios de subsistência. Este é, para ele, o tema de toda a existência humana; — o que vamos comer e aonde podemos agarrar os meios naturais de nos alimentarmos, defendermos, etc. Em suma: tomar posse da natureza.

“Tudo o mais que acontecia, inclusive o desenvolvimento das teorias científicas, era um reflexo deste processo. Tudo o mais, incluindo as noções científicas sobre a estrutura do mundo físico, não passava de uma projeção mais ou menos ilusória da “ideologia de classe”, a visão do mundo criada por uma classe social para legitimar a estrutura de poder que lhe garantia o predomínio sobre as demais classes.”

Quer dizer, o surgimento das classes é um efeito natural da luta pela apropriação da natureza. Como as pessoas são obrigadas a se associar e a entrar em relações objetivas para poderem agir em conjunto, então, naturalmente, algum assume o comando e estes ficam com a parte do “leão”, e está criado, portanto, a diferença de classes.

“Entre essas duas concepções da relação entre conhecimento e realidade havia uma estranha simetria oposta: o positivismo recortava o mundo segundo o padrão metodológico que dava à classe acadêmica o poder sobre toda a sociedade; o marxismo assegurava que toda a concepção do mundo era um recorte calculado para dar a uma classe o poder sobre toda a sociedade.”

De maneira que — e veja que coisa irônica, o positivismo estava ilustrando o marxismo de certo modo — o que o marxismo dizia era o que o positivismo estava fazendo. Só que, o marxismo se equivoca ao dizer que essa ideologia era da burguesia, ou seja, dos proprietários dos meios de produção, quando era a ideologia da própria classe acadêmica e dos intelectuais em geral.

“O positivismo, de certo modo, ilustrava na prática o que o marxismo dizia em teoria. Com uma ressalva crucial: como o marxismo distinguia as classes exclusivamente pela posse dos meios de produção, (...)”

Esse foi o problema com o marxismo, ele só levava em conta um negócio chamado, meios de produção, e não levava em conta um negócio chamado, meios de ação, e, sobretudo, meios de destruição. Se for para você partir de uma concepção materialista — onde, o processo fundamental é a luta pela apropriação dos meios materiais —, então a posse desses meios é só um dos aspectos que devem ser levados em conta. Todo e qualquer meio de ação, isto é, todo meio que um cidadão tenha de agir sobre os outros, é importante para isto, e, sobretudo, os meios de destruição; — o modo de você assustar, escravizar ou matar as pessoas. Note que a posse dos meios de produção não garante nada disso. Por exemplo, se você um grupo empresarial, pode-se perguntar; quantas armas vocês tem? É um número mínimo, apenas para os seguranças que tomam conta. Qualquer grupo terrorista pode destruir uma corporação com a maior facilidade. Se não existisse esse descompasso entre os meios de produção e os meios de destruição, nenhuma revolução seria possível. Se a posse dos meios de produção trouxesse consigo automaticamente a posse dos meios de destruição, nunca poderia haver uma revolução. Porque os ricos estariam sempre mais armados e isso não é verdade.

Sob certos aspectos, Marx tinha razão ao dizer que o problema fundamental da existência humana sobre a terra é o da conquista dos meios de subsistência, a apropriação da natureza material. Isso nem se discute; — é claro que isso é verdade. Só que [1:07:06] Marx, pela sua formação de economista — pela influência tremenda que os economistas ingleses exerceram [1:07:19] sobre sua cabeça — ignorou todo o lado bélico da coisa. Claro que ele menciona guerras e revoluções aqui e ali, mas ele nunca tentou uma classificação, uma ordenação dos meios de destruição. Se ele tivesse estudado história militar tanto quanto estudou história econômica, ele veria que a posse dos meios de produção não é o fator decisivo, a posse dos meios de destruição é infinitamente mais decisiva do que isto, e esses meios de destruição podem ser adquiridos através da própria destruição. Por exemplo, todas as revoluções começaram angariando dinheiro através de assaltos. Então, qual é função do banditismo nesse negócio? O banditismo tem uma função essencial nas revoluções. Marx, aparentemente ignorou isto; — ele estava obcecado com o dinheiro. [1:08:34] Em seus primeiros escritos, Marx descreve o dinheiro como um fetiche, como se o burguês estivesse sob o domínio deste fetiche, mas era ele quem estava; — na verdade.

Por ter ignorado esse papel do banditismo e do fator militar, Marx e os marxistas interpretam toda essa corrente positivista como se fosse filosofia burguesa, quando na realidade os burgueses não estão representados, o que está representado o poder da própria intelectualidade, sobretudo acadêmica. Que tem os seus interesses próprios, a sua cosmovisão própria, os seus meios de ação próprios e que com frequência dão uma rasteira nos burgueses, fazendo estes trabalharem para eles. Se você analisar um capitalista de maneira correta, você o cerca — imagine um capitalista que herdou um dinheiro do pai e que de

repente está cercado de uma plêiade de assessores com QI 240; eles vão fazer o que quiserem — e ele não vai nem entender o que estarão fazendo.

Os meios de controle do fluxo das idéias, [1:10] os meios de controle do vocabulário, são também um terceiro aspecto que Marx não levou em conta, porque ele achou que automaticamente quem tem o dinheiro tem o controle disso. O que não é verdade; eu trabalhei durante quarenta anos no jornalismo e asseguro para vocês que quem manda no jornalismo é a redação. O dono do jornal às vezes tem de pedir por favor, para publicar alguma coisa, ele recebe o dinheiro, mas quem está exercendo o jornalismo é a própria redação; — é a intelectualidade. Os jornalistas são intelectuais nesse sentido. Mais tarde, Lênin começa a perceber a importância dos intelectuais e o Gramsci tira as consequências. Os intelectuais são de fato a vanguarda revolucionária e eles não precisam do proletariado. Lênin chega a dizer isso: “nós fazemos uma revolução e daí nós criamos um proletariado”.

“Como Marx só reconhecia na sociedade capitalista, a burguesia e o proletariado, sem poder enxergar a classe intelectual acadêmica como um poder independente (...)”

Ou seja, ele a entendia apenas como classe média, encarava-a apenas sob o prisma econômico, exclusivamente.

“(...) com interesses próprios distintos dos da burguesia. Para ele, o positivismo era a “filosofia burguesa” por excelência, como se os intelectuais acadêmicos fossem apenas agentes de seus patrões capitalistas, sem força própria na luta pelo poder.

No início, a distribuição social dos intelectuais parecia confirmar isso: não podia haver tipos mais diferentes do que o cientista acadêmico, um membro do *establishment* comprometido com os fins e métodos da “objetividade científica”, e o intelectual revolucionário, um pária que conspirava nos porões junto com proletários esfarrapados, condenando a objetividade científica, como um véu ideológico estendido por cima dos vis interesses da burguesia.”

A própria vida de Karl Marx ilustra isso de algum modo. Ele nunca foi professor universitário, ele sempre sobreviveu como jornalista de quinta categoria ajudado por um amigo capitalista. [1:12:15] Nunca teve prestígio. E, no meio acadêmico, até aproximadamente os anos 20, o marxismo era totalmente desprezado; — só depois que entrou.

“O curso das coisas, porém, demonstrou que esta distinção era ilusória (...)”

Você tinha até os anos 20 do século XX, por um lado, aquela intelectualidade científica acadêmica, e por outro, os intelectuais revolucionários, que eram párias, que não eram ninguém. Se pegarmos os autores marxistas: Bernstein, Plekhanov; ninguém lia isso na universidade. Quando lia era aquele negócio do Eric Voegelin: “eu li *O Capital* e fiquei encantado com aquilo, no semestre seguinte eu fiz um curso de economia política e me livrei daquela porcaria para sempre.” Quer dizer, o marxismo não atendia as exigências da ciência acadêmica.

Então você tinha de fato duas camadas de intelectuais, visto na aparência, os intelectuais burgueses e os intelectuais proletários. Só que os intelectuais burgueses não eram burgueses e os intelectuais proletários não eram proletários. Eles eram apenas duas alas da classe intelectual, sendo que uma estava naquele momento exercendo o poder e a outra estava disputando o poder; — era só essa a diferença, era uma discussão interna da intelectualidade.

“(…) à medida que o proletariado se distanciava cada vez mais da luta ideológica e o progresso do capitalismo abria cada vez mais as portas do ensino superior para os jovens provenientes das classes média e baixa, as universidades se revelaram os focos mais promissores da agitação revolucionária — infinitamente mais promissores do que as fábricas e os sindicatos.”

De todos os líderes comunistas do século XX, quais tinham origem proletária? Eu só encontrei um: o George Marchais, que foi presidente do partido comunista francês. Os demais eram filhos de professor, de militar, de fazendeiro, jornalista e assim por diante.

“Nos anos 30 do século XX, já se havia tornado claro para os teóricos marxistas mais astutos — Antônio Gramsci e a escola de Frankfurt — que não os proletários, e sim os intelectuais em geral, na cadeia ou fora dela, eram a verdadeira força agente do “movimento revolucionário”. O “cientista acadêmico” e o “intelectual revolucionário” eram, no fim das contas, a mesma pessoa. Uma vez revelada esta identidade, a emergência de uma rebelião “politicamente correta” mostra um perfil bem diverso daquele que enxergavam nela os escandalizados intelectuais conservadores dos anos 80 e 90. Ela não expressava uma revolta contra a razão em geral, mas um simples *upgrade* do processo revolucionário, uma ampliação súbita do poder de ação da classe intelectual e acadêmica. Se o positivismo tinha sido o pretexto ideológico que legitimara a ascensão dessa classe, ele ainda lhe impunha alguma limitação na medida em que exigia dela a obediência a um protocolo metodológico que usurpava o lugar da razão universal mas representava ainda um último resíduo de racionalidade. À medida que o poder da classe acadêmica, assim legitimado cresceu até o ponto de poder afirmar publicamente a sua independência de todo o controle “burguês”, na mesma medida o véu ideológico da “racionalidade científica” se tornou uma superstição desnecessária e estava pronto para ser rasgado.”

E a classe acadêmica cresceu tanto, baseada em parte no prestígio da ciência e em parte na força dos movimentos revolucionários que os acadêmicos concluíram: “agora não precisamos mais da razão, não precisamos da ciência, agora somos nós que determinamos isto”

“Com toda a evidência, os defensores da “racionalidade” não podiam compreender se não parcialmente os acontecimentos que os atemorizavam. Para atinar com a verdadeira natureza do processo, teriam de enxergar primeiro o papel que eles próprios, como classe acadêmica, haviam desempenhado na destruição da razão clássica e na sua substituição por uma “visão científica do mundo (...)”

Ou seja, uma etapa importante do processo revolucionário.

“(…) que resultava em conferir à sua classe social uma autoridade praticamente ilimitada. Quando a autoridade da classe acadêmica havia crescido ao ponto de tornar-se uma fonte autônoma de poder e de já não precisar do pretexto ideológico, a fidelidade à “ciência” podia ser jogada fora da maneira mais ostensiva e cínica, sem que aquela autoridade fosse abalada no mais mínimo que seja. O mundo estava maduro para abdicar da razão científica e submeter-se à racionalidade da rainha de copas.

O processo revolucionário, por toda parte, avança marchando sobre os seus próprios escombros.”

Então está aí descrito em linhas gerais esse processo que é essencial para a nossa compreensão da nossa própria vida, do que está se passando em torno de nós. Quando, por exemplo, este negócio que eu citei lá atrás, do aquecimento global, vê-se que um resto de autoridade científica ainda é usado, mas como um instrumento, por pessoas que não

acreditam nela de maneira alguma. Esse pessoal do aquecimento global é vigarista do primeiro ao último, mas eles sabem que para uma parte do público a ciência ainda tem uma autoridade. Então, são pessoas que estão imbuídas, evidentemente, da mentalidade do grupo revolucionário, desconstrucionista, pós-moderno etc., etc., mas que sabem usar a linguagem da ciência para impressionar o público que está sempre um pouco atrás da intelectualidade revolucionária; — o público que raciocina sempre com critérios de pelo menos meio século atrás.

Então, a ciência, como fonte de autoridade, ainda funciona para muita gente e ela é usada por pessoas que não acreditam nela de maneira alguma. Isso está acontecendo o tempo todo diante e em torno de nós e é este o processo no qual estamos vivendo.

Vamos fazer uma pausa, daqui a pouco a gente volta com as perguntas.

[Intervalo]

Aluno: Aulas atrás, o senhor aconselhou que procurássemos o professor Luiz Carlos Faria da Silva, por e-mail; mas depois de muito procurar e não encontrar nada gostaria de saber se algum aluno seu conseguiu contato, e se sim, se há mestres para consertar as patologias do desconstrucionismo.

Olavo: Muito bem, a maneira mais fácil de você contatar o professor Luiz Faria é através do Silvio Grimaldo — que é o webmaster aqui do Seminário de Filosofia — ou então, através do Carlos Nadalim, se vocês o conhecem.

Em seguida tem uma pergunta cujo remetente pede para que o nome não seja citado, por se tratar de um problema mais pessoal. Então ele diz:

Aluno: Sinto-me fraco e sem vontade, sinto por vezes que o que eu faço na maior parte do tempo é inútil, quero arranjar um trabalho e continuar meus estudos de engenharia e meu Curso Online de Filosofia. Dessas três coisas, a primeira que eu abandonaria seria os meus estudos de engenharia; sinto muita mesquinhez no meio onde estudo e a sensação de que toda uma sociedade esteja pagando impostos para que o estudante não faça nada por ela. [1:20] (...) Ouvir uma aula do COF e estudar engenharia são tarefas difíceis de ser cumpridas simultaneamente, não por causa do esforço a ser despendido, que não é tanto, mas porque me parece que comparado com o COF, o curso de engenharia é desmotivador, inútil e prejudicial, por causa do ambiente que devo frequentar. (...) Porque o ambiente universitário parece se rebaixar moralmente, não aguento mais esta situação. Esse sentimento de preocupação com o meio universitário se agravou quando nesta quarta pela tarde tive de ir à aula e ver a quantidade de pessoas empolgadas para um evento que iria ocorrer naquele horário. O que era? Era um evento que iria receber o presidente Lula, para lhe entregar um diploma de Doutor Honoris Causa. O que devo fazer diante de uma situação dessas? Adaptar-se a situação é adequado?

Olavo: Resistir a esta situação por longo tempo, é uma coisa que vai fortalecer você muito. Agüentar o ambiente hostil e desmotivador é uma coisa que você pode enfrentar buscando o máximo de concentração que puder durante o tempo todo. Não sei se você é religioso, mas aí é hora de seguir o conselho de São Paulo Apóstolo: “orai sem cessar”. Quando você ora sem cessar, e sente que está se relacionando mais com Deus do que com o ambiente social, não há ambiente social que possa contigo. Isso é uma coisa absolutamente essencial, sem esta virada para o mundo do espírito fica realmente difícil, mas a própria mesquinhez e estupidez do

ambiente o incentiva a fazer isto. Quanto ao negócio do “orar sem cessar”, tem o famoso livro *Relatos de um Peregrino Russo*, que foi publicado até no Brasil. É uma técnica da Igreja Ortodoxa — você não precisa seguir exatamente aquilo — é apenas uma sugestão, mesmo porque essa técnica não pode ser seguida sem a orientação de um monge qualificado. Mas você pode arrumar um similar, alguma coisa similar, alguma oração jaculatória que você repita interiormente enquanto continua as suas tarefas externas.

O que interessa é você se concentrar no mundo do espírito, ao mesmo tempo em que continua com suas tarefas normais no mundo externo. Não é um isolamento efetivo, é um isolamento parcial, onde há uma parte de você que está situada no mundo superior e a outra que continua agindo no ambiente externo. Isto aí é a única solução possível, mas eu lhe garanto que ela funciona. Tente isto, leia os *Relatos do Peregrino Russo* e se inspire, mas não é para fazer a técnica exatamente como eles estão fazendo. Durante muito tempo eu fui ajudado nessa coisa de concentração pela prática do Tai Chi, que era acompanhado de uma concentração permanente na respiração abdominal. Então você tinha já uma espécie de concentração física que dava um suporte para a chamada paz perpétua. Isso sem dúvida me ajudou muito nas fases mais difíceis da minha vida. Mas leia o livro do *Peregrino Russo* primeiro e depois voltamos a conversar.

Aluno: Estou lendo Ordem e História — Israel e a Revelação, e um dos aspectos que percebi é que a história bíblica nem sempre narra o acontecimento exatamente como ocorreu, mas a narrativa foi escrita, editada ou reeditada de uma maneira simbólica e mítica para expressar a experiência de uma realidade transcendente tida por aquela comunidade. Dessa forma, em muitos casos eles reinterpretam o seu passado à medida que essa conscientização do ser transcendente se torna mais clara. Eu entendi corretamente?(...)

Olavo: Perfeitamente. Veja que a dificuldade de narrar acontecimentos nesses dois planos — plano terrestre e um plano celeste acontecendo simultaneamente — isso acontece o tempo todo na Bíblia. Mas não só na Bíblia; têm muitas obras literárias em que isso acontece, por exemplo, todos os livros do George Bernanos se passam em dois planos, assim como os do François Mauriac. Lendo esses romances talvez você aprenda mais facilmente essa narrativa em dois andares. Isso na Bíblia é constante e é uma coisa que evidentemente desafia a expressão lingüística humana.

Daí prossegue a pergunta:

Aluno: (...) E se for assim, o estudo historiográfico e de crítica deste período, sem essa expressão simbólica, não tornaria a nossa percepção da história desprovida de uma ordem transcendente, tornando os acontecimentos pouco compreensíveis?

Olavo: Perfeitamente. Se você retira a dimensão superior os acontecimentos inferiores por si mesmos não fazem o menor sentido. Então você vai ter de criar um sentido pretensamente historiográfico para tampar os buracos. O Eric Voegelin insiste muito nisso: a presença do elemento transcendente é um elemento constante e estrutural da experiência humana, ele não pode ser abolido, não se pode fazer de conta que não existe. Se bem que toda a cultura moderna consiste em fazer de conta que isto não existe, isso é a mesma coisa que ignorar o *ápeiron* do Anaximandro. É você limitar o mundo àquilo que lhe está acessível ou pelos sentidos ou por determinados métodos. É isto que o Jean Brun chama “regionalização do conhecimento”: você pega uma determinada região da experiência e determina que aquilo é o

extremo limite da realidade e que nada mais existe fora daquilo. Se nada mais existisse fora daquilo, você não poderia pensar sequer este limite.

Nós conseguimos pensar um limite da experiência humana porque sabemos que existe um para lá. Senão, esse limite não seria totalmente desconhecido. De certo modo a própria expressão, “limite da experiência humana” é autocontraditória. Na hora em que você diz que existe este limite é que de alguma maneira você o transcendeu. É curioso que Kant se colocava na posição do eu transcendental e descrevia todo o possível. Mas onde estava Kant nesse momento? Ele estava dentro, fora, ou acima da experiência humana? A explicação que ele dá está no conceito do transcendental, ele diz que transcendental é aquilo que é anterior à experiência, mas que só se revela no curso da própria experiência. Mas se os limites da experiência se revelam no curso da própria experiência, ela acabou de transcendê-los.

Aluno: Estou lendo o seu livro, A Dialética Simbólica, e percebo um livro muito interessante; parabéns. Como estudar os estudos em simbólica? (...)

Olavo: Tem várias indicações de leitura que eu posso lhe dar. A primeira é o livro do Gilbert Durand; *A Imaginação Simbólica*; acredito que existe uma edição brasileira, mas se não existir tem pelo menos uma edição espanhola pela editora Amorrortu — esta eu tenho certa que existe (se você não lê o francês). Acho que os livros do René Guénon sobre simbólica são absolutamente indispensáveis, ainda que ele sempre exagere um pouco o papel das organizações esotéricas; — mas isso é um assunto que a gente discute depois. De qualquer modo, os *Símbolos Fundamentais da Ciência Sagrada* — às vezes publicado com o título só de *Símbolos da Ciência Sagrada* — ainda é um livro fundamental. Quem escreveu também coisas muito boas sobre isso foi Titus Burkhardt; tem um livro dele chamado *Símbolos* que é também uma perfeição. Acho que com esses, você já abre todo um horizonte de estudos.

Depois ele pergunta:

Aluno: (...) Seria a falta de um conhecimento simbólico, o real motivo em que os parasitas do cristianismo — principalmente do catolicismo — se aproveitam para confundir os fiéis? No Brasil, cultos como o espiritismo, seicho-no-ie e outros, são realizados com a presença de católicos que não imaginam que isso não tem nada de católico.

Olavo: É um catolicismo reduzido a duas coisas: 1º) é a espiritualidade medicinal: sujeito vai na igreja porque está com hemorroida, porque está com bico-de-pé ou qualquer coisa desse tipo; e 2º) lugar, a moralidade [1:30] sexual — se bem que entre os católicos, este é menos acentuado do que entre os protestantes. As pessoas se esquecem do seguinte elemento: quando você se abstém dos pecados mais vistosos, mais óbvios, sobretudo de ordem sexual, você está fazendo isto por temor e amor a Deus ou temor da opinião dos outros? Por temor da rejeição social, da opinião pública e etc., etc? É claro que 99,99% dos casos, é esta última hipótese. Quer dizer, você não está vendo Deus, mas você está vendo os vizinhos, está vendo sua mãe, está vendo a sua sogra, etc., etc., e você teme perder o emprego, teme ser rejeitado, etc., etc.

Na hora em que você faz isto, você está colocando este grupo social no lugar de Deus, e, portanto, você está cultuando um negócio que a Bíblia chama de "o mundo". E ele, segundo a Bíblia, é um dos três inimigos da alma — o mundo, o diabo e a carne. Então você está trocando alguns pecados por um pecado permanente de idolatria, que é o culto do mundo.

Como é que você faz para distinguir? Olha, uma maneira de você distinguir é o seguinte: Deus perdoa, o mundo não perdoa. Você imagina, por exemplo, quantos adultérios Deus perdoaria? Ele mesmo diz que são 490 — quem chegou a 490 adultérios? Ninguém. Mas o mundo não perdoa nenhum, com um, ele poderia destruir a sua vida. Portanto, este é o critério: você está com medo de alguém que não perdoa e que vai te destruir ou você está movido pelo amor a alguém que está lá precisamente para te perdoar e te restaurar? — este é o critério.

Então, é inevitável que estas coisas aconteçam tão logo os princípios da moral cristã se incorporam numa cultura, num meio social, e, então, se expressam através de *slogans*, de chavões, de juízos automáticos que as pessoas proferem umas sobre as outras. E isto provoca as distorções mais horribéis. Por exemplo, pergunte para você: quantas vezes você entrou na igreja e viu o padre ou o pastor falando contra os adúlteros, contra as prostitutas, etc, etc, e quantas vezes o ouviu falando contra os assassinos de cristãos no mundo? Hoje você até ouve sobre os pobrezinhos do mundo, "os pobres", etc, etc. Escuta: você tem mais dó do sujeito que é pobre do que daquele que foi assassinado? Como é possível uma coisa dessa? Quer dizer que a pobreza é pior que a morte?

Então, toda essa preocupação — seja com os pecados sexuais, seja com a pobreza — ela está expressando uma distorção; — uma falta de hierarquia. E ela atenta contra o primeiro mandamento, que diz: "amar a Deus acima de todas as coisas". Quer dizer, o "acima" pressupõe uma noção escalar; — quanto mais acima? Bom, Deus é infinito, então é sempre acima do acima do acima. Então esta busca do que está acima, este desejo do que está acima de tudo — que é o que o Platão chamava de o Bem Supremo — isto é o que é a base e o centro da vida cristã. Se você não está procurando sempre, 24 horas por dia, o que é o bem supremo, o que é a coisa maximamente digna de ser amada: — se você não faz isto, você não é cristão. Não adianta você dizer: "Ah, não cometi adultério, não roubei, não matei, etc." — tudo isso é bobagem, isto é, simplesmente da opinião pública.

Então, o senso de hierarquia dos valores, e portanto de hierarquia dos pecados também, está dado já no primeiro mandamento. Se você não cumpre o primeiro, não adianta cumprir os outros nove. E o seu cumprimento dos outros nove, deve obedecer ao critério do primeiro. Eu nunca vi na minha vida, um padre ou pastor explicar isso aqui! Tem o padre Paulo Ricardo, este explica. Mas, quem mais? Quer dizer, o critério moral que é ensinado às pessoas, nas igrejas, já é para pervertê-las desde o início.

Quando você fala: — temor a Deus. Ele não é como o temor que você tem da polícia, do vizinho, do seu patrão, do seu grupo de referência; — é uma coisa completamente diferente. Ele é um medo de decepcionar e de perder o supremo bem. Quando você fala do castigo divino, você pensa no inferno; — que é o inferno? É o lugar onde está o diabo espetando sua bunda com um garfo? Não é isto. O inferno é a perda da visão do supremo bem. Mas se você já perdeu isto em vida, você não está preocupado com o supremo bem, você só está preocupado com a opinião do vizinho; — você já está no inferno!

Agora, se têm padres e pastores contribuindo para incutir nas pessoas esta moral — pervertida, no fim das contas — parece que o sujeito está lá para assustar criancinha —, então não é de se espantar que as pessoas, que confundem até Deus com a opinião do vizinho, não vão confundir o cristianismo com seicho-no-ie, ou com macumba ou com qualquer outra coisa? Quer dizer, já está vivendo na confusão. Então, restaurar o verdadeiro espírito da

religião cristã é o começo da restauração de uma sociedade. Certamente você não vai procurar Deus enquanto você continuar com o culto do Mundo. Não que a gente deva desprezar a opinião das pessoas, mas a gente nunca pode temê-la como se dela dependesse o nosso destino, como se essas pessoas fossem nos mandar ao inferno. E como se o inferno fosse uma coisa substantiva e física. Claro que existe uma expressão física do inferno — sem dúvida — mas o principal nele é a perda do supremo bem. Você não tem mais a suprema beleza.

Quando a pessoa diz que ela é cristã, ela está orientando a sua vida por algum valor, algum princípio, alguma meta. Mas o que é este valor, princípio ou meta? Pode ser, por exemplo, o medo das penas infernais. Ele imagina o inferno, um sofrimento atroz, etc., etc.; — esta é uma primeira escala. O segundo, pode ser a identificação com valores da chamada doutrina social da Igreja: os pobrezinhos que você vai atender, caridade, etc. etc. Têm varias motivações, e todas elas são cristãs, mas elas só adquirem algum sentido no topo, na chave de abóbada: que é o bem supremo. Pois você está praticando o cristianismo, você pode imaginar as penas do inferno, você pode imaginar uma visão paradisíaca, pode imaginar um paraíso, mas você pode imaginar algo que está acima disto, que se chama o bem supremo. Ele é aquilo que enxugará todas as lágrimas e fará a redenção de toda a espécie humana, o fim de todo o sofrimento — não para você — mas para todo mundo.

Se você está pensando nisso, e está buscando isso, então você está amando a Deus. E você, naturalmente, vai fazer a coisa certa. E se você errar, você não vai ficar muito preocupado com isto, porque se você começa a ficar preocupado porque você errou, então você já entrou no remorso, que é uma emoção demoníaca. A preocupação excessiva com a sua boa conduta, é uma concessão ao mundo — meu Deus do céu! — Quando você está agindo dentro dos olhos do mundo, e não diante dos olhos de Deus, que já está lá para te perdoar e te levantar há meses.

Se você nunca teve está busca do bem supremo, então porque você não vai pecar? Que diferença vai fazer, se você está só pela opinião do Mundo? Então tanto faz; — meu filho. Você ser adúltero, ser homossexual, ser jogador, ser drogado — não vai fazer diferença nenhuma! A diferença é esta: existe quem está buscando o bem supremo e existe quem não está, que está buscando só bens imediatos, entre os quais a sua maldita boa conduta. E toda educação cristã, sobretudo no Brasil — noutros países não é tanto assim (eu posso garantir, na França, eu vi coisas diferentes, aqui eu também vejo) —, mas no Brasil, o clero inteiro, católico e protestante, parece que está interessado sobretudo em corromper pessoas; — não é de se estranhar que aconteça isso. Não é só o problema da simbólica, o que está faltando é a coisa mais substantiva, que é a busca do bem supremo. [1:40]

Aluno: (...) Imagino que o que ocorre no Brasil é a coisa mais grave do na época do arianismo, pois os inimigos de hoje são mais diversos e possuem o apoio da mídia, e o povo não consegue distinguir so verdadeiros defensores da ortodoxia, a ponto de achar que alguns padres cantores possuem esta função (...)

Olavo: Você está montado na razão! Você tem a confusão espiritual generalizada.

Aluno: Existe alguma relação entre a influência das organizações internacionais com os criadores do Estado moderno? A influência da Nova Ordem Mundial (NOM) sobre as pessoas tem

um paralelo com a criação do Estado moderno e seus ataques à ordem da Igreja? Se isso for verdade, qual a situação do anarquismo neste jogo?

Olavo: Bom, são duas perguntas: primeiro lugar, você precisa ver que tanto o estado moderno quanto a NOM são etapas do movimento revolucionário. E ele evolui por autonegação e a autodestruição. Tudo aquilo que ele conquistou numa etapa tem que ser destruído para que o poder do próprio movimento revolucionário se sobreponha ao poder de todas as entidades instrumentais que ele foi criando pelo caminho.

Criar o estado moderno, por exemplo, é um movimento de divisão da Europa: aparece vários poderes independentes, quebra a unidade do império, surgem inclusive religiões nacionais, e se cria um novo tipo de poder. Cria-se a burocracia estatal e os vários empreendimentos colonialistas e imperialistas.

Numa segunda fase, é preciso destruir tudo isto, para que o movimento revolucionário internacional se sobreponha. Então, no século XIX, a formação das nações modernas passa duas etapas: uma, mais ou menos na renascença, quando aparece a história do direito divino dos reis — que não tinham direito divino algum — o rei é sagrado pela igreja, e portanto, o direito dele depende da autoridade espiritual. Mas quando os caras começam a achar que o rei é rei por um direito divino inerente, isto é um elemento fundamental da criação do estado moderno. Mas tem uma segunda etapa da criação das nações modernas, que é o estado nacionalista romântico no começo do século XIX: quando você vê espocar revoluções nacionalistas por todo quanto é lado. A própria formação do Brasil reflete isso aí. A nossa independência em 1822 era um dos muitos movimentos de independência que estavam acontecendo no mundo.

O Estado moderno cria então as potências coloniais, em seguida, ao desmembrar estas potências coloniais, e criar novos poderes independentes, fragmentar todos os processos. Esta fragmentação, pelo simples fato de que isola as nações mais umas das outras, favorece o surgimento de movimentos internacionais que as abarcam e as protegem de alguma maneira. Então este jogo de nacionalismo e internacionalismo, é algo que vem vindo desde a renascença até agora. É uma relação dialética, no qual a força do movimento revolucionário cria entidades, cria instrumentos, e em seguida tem que destruí-los para poder crescer mais ainda.

E o anarquismo entra como um dos elementos do processo revolucionário, ele é elemento puramente instrumental. Veja: os anarquistas sempre atuaram apenas como força auxiliar de outras entidades revolucionárias mais poderosas, como acontece, por exemplo, na guerra civil espanhola. Os anarquistas estavam ali combatendo, mas sob o comando de comunistas que, em seguida, fizeram o possível para matá-los. Eu não vejo que o anarquismo tenha uma força, uma iniciativa independente: ele sempre foi e sempre será usado. É exatamente o mesmo que acontece com o libertarianismo aqui, quer dizer, quem quer uma proposta utópica de liberdade total e de falta de governo, etc etc, vai servir a alguma entidade que tenha algum plano mais exeqüível. Foi o que aconteceu aqui, na Virgínia, onde você tinha dois candidatos: um democrata e um republicano, e um terceiro candidato, *libertarian*, cedeu ao Barack Obama, e o candidato minoritário, o democrata, acabou sendo eleito; — é sempre assim.

Um aluno pergunta se eu pretendo dar neste curso alguma ajudinha especial para os alunos que têm alguma vocação literária?

Eu pretendo fazer isto, mas ainda nem sei como, então você espere mais um pouco e depois voltamos ao assunto.

Se alguma aluna do Seminário estiver afim de viajar para os EUA passar seis meses aqui ajudando nos trabalhos de organização do Seminário, eu agradeço muito. Durante seis meses, nós tivemos aqui a Marcela, que foi uma mão na roda, uma pessoa extraordinária, eu nunca serei suficientemente grato a esta criatura adorável, que todos nós aqui amamos como se fosse gente da família. Então se alguma tiver coragem de vir, agradecemos muito desde já.

Até semana que vem, e muito obrigado.

Transcrição: Evandro Santos de Albuquerque, Charles Santos, Felipe Vitorino e Kênio Barros de Ávila Nascimento

Revisão: Felipe Mathews Nicolosi da Silveira